

# A psicanálise entre o belo e o feio

Betty Fuks

Resenha de Chaim Katz, Daniel S. Kupermann e Vivian Mosé (orgs.), *Beleza, feiura e psicanálise*. Rio de Janeiro: Contracapa/Formação Freudiana, 2004, 158 p.

156

PERCURSO 42 : junho de 2009

Ao final da redação de *Totem e tabu*, Freud se pergunta sobre os modos pelos quais uma herança arcaica, os traços de memória arrastados pelo fluxo caudaloso do tempo e perdido entre as ruínas dos séculos, é transmitida de uma geração a outra. Ao encontrar a resposta em Goethe, “Aquilo que herdaste de teus ancestrais, conquista-o para fazê-lo teu”, Freud interpreta o verbo conquistar ao pé da letra: despertado por um acontecimento atual, o legado da geração antecedente sofre um processo de reatualização, isto é, é reescrito e ressignificado pela geração procedente. Sobre a autoridade da literatura, concebe um imprevisível princípio de transmissibilidade que não o da natureza: o princípio de operação recorrente. Trata-se de uma operação de retorno a um ponto de origem que, paradoxalmente, dará origem a outra montagem da narrativa oral, a história que sustenta e leva a termo a transmissão. A ideia de que a transmissão da cultura é efeito de uma temporalidade complexa que envolve a reescrita do passado no presente com vistas ao devir levou Lacan a propor o princípio de operação recorrente à transmissão

**Betty Fuks** é psicanalista, professora da PUCRJ e da UVA (RJ). Autora de *Freud e a judeidade, a vocação do exílio* (Zahar, 2000) e *Freud e a cultura* (Zahar, 2008, 2.ed.).

da psicanálise. Cada analista precisa reinventar, a partir do que conseguiu retirar do fato de ter sido analisando, por algum tempo, o modo pelo qual a psicanálise pode durar.

Entretanto, desde Freud, a transmissão da psicanálise jamais ficou restrita às quatro paredes dos consultórios. Sociedades, Instituições e Escolas se formaram ao longo destes centos e poucos anos da existência do inconsciente freudiano. É verdade que algumas delas foram responsáveis por uma série de desvios teóricos que terminaram lançando a psicanálise num tecnicismo ideológico grave que contribuiu para a adaptação da feiticeira – a metapsicologia – à ordem social vigente. Por outro lado, apesar da renovação e recuperação dos conceitos fundamentais da psicanálise que algumas instituições promoveram durante décadas, acabaram perdendo o caráter revolucionário, necessário à transmissão da psicanálise, para se transformarem em grandes organizações de massa, onde o investimento do analista ficava dirigido à sustentação dos interesses da instituição e não aos significantes da psicanálise. Será este o destino final das sociedades de analistas que, submergidas às exigências sociais, tornam-se inimigas do que deveriam proteger?

Não é isso que atesta o livro *Beleza, feiura e psicanálise* organizado por três membros da Formação Freudiana, Chaim Samuel Katz, Daniel Kupermann e Viviane Mosé. Por si só o título, tema do 10º. Encontro Anual da Formação Freudiana, ocorrido em 2001, no Rio de Janeiro, por ocasião da comemoração dos dez anos de trabalho, atesta o compromisso e a responsabilidade dos membros dessa instituição na tarefa de transmissão da psicanálise de modo criativo e singular. Trata-se de uma coletânea de textos sob óticas diversas dividido em quatro partes: “Considerações quase inatuais”; “Narcisismo e ideais na contemporaneidade”, “Estética da sublimação”, e, finalmente, “Literatura e psicanálise”.

Seria difícil resenhar por completo todos os artigos. Por isso vou me valer, sem parcimônias, do recurso de reproduzir alguns pequenos

trechos do texto de cada autor. Desnecessário dizer que o equilíbrio entre os escritos, razão pela qual o livro está esgotado e em vias de sair sua segunda edição, talvez contribua para alguma injustiça que eu possa fazer; a qualidade de todos os textos é a excelência.

Inaugurando a primeira parte, “Belo e feio, feio e belo: outras indicações”, Chaim Katz indica a vantagem do analista em pensar e refletir sobre a feiura no interior da obra freudiana. Dono de invejável erudição, Katz começa levando o leitor a passear pelo universo de Narciso cantado por Ovídio e Heráclito e a rastrear o conceito de narcisismo em Freud, Sadger e outros para fazê-lo refletir sobre a emergência do Belo antes de desdobrar o Feio. Discípulo de Ferenczi, encontra nas afirmações deste analista a relação simétrica entre o autoerotismo, estágio da alma humana, e a feiura. No universo da feiura, Katz se vale do pensamento de autores como Foucault e Erasmo, para desvendar o estatuto positivo e positivado desta categoria e propor uma abordagem outra às questões que aparentemente parecem ser contraditórias:

Ao considerar Belo e Feio fora de uma oposição ou pensá-los não dialeticamente, ou seja, um elemento sendo a consequência ou contrapartida do outro, talvez possamos aprender algo novo sobre eles (p. 28).

Em “Alteridade na Estética: reflexões sobre a feiura”, o filósofo Charles Feitosa propõe o feio como o outro do belo. O feio é um

conceito sem disciplina própria, desterritorializado da geopolítica filosófica, trata-se de um “sem-terra” da estética, talvez não seja nem mesmo um conceito em si, mas apenas um oco, um vão, um vazio (p. 30).

Seguindo as indicações de Nietzsche, para quem a questão do feio necessita da transvalorização dos valores estéticos, o autor denuncia, com palavras contundentes, o fato de que qualquer normatização da beleza e feiura não poderá ocorrer em termos absolutos, sob pena de escamotear a ur-

gência de se reconhecer o feio para aprender a conviver com a diferença.

A feiura fascina? Eis o que Daniel Kuperman procura responder pelo avesso, indagando o efeito siderante e imperativo da beleza na atualidade. Para demonstrar que a feiura remete à alegria e ao riso, o autor usa “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, texto em que se encontra a primeira referência à feiura em Freud, como farol para iluminar sua escrita. A comichão se interessa pelo que é feio pois, quando este é exposto pela luz do dia, torna-se cômico, provoca risos e alegria. E o grotesco? O estudo do “estranho” freudiano aliado à pesquisa sobre o “grotesco” desde a Idade Média autoriza o autor de “A feiura fascina” a enunciar que, se

é verdade que, em parte, desaprendemos a rir com manifestações que se opõem à beleza idealizada, a clínica psicanalítica sugere que não desaprendemos de todo. O contato com a alegria própria do grotesco, que o discurso sobre a feiura proporciona aos analisandos, indica que ainda é possível a transposições das fronteiras impostas ao ego pelo mundo utilitário vigente desde a modernidade (p. 48).

Sem dúvidas, o acolhimento da psicanálise ao grotesco e à feiura é uma questão política para os psicanalistas que insistem em escutar a inesgotável melodia pulsional.

Terminando a primeira parte, Luiz Felipe Nogueira de Faria, em “A produção da feiura na clínica psicanalítica: anotações sobre a patologização da vida cotidiana”, escolheu as palavras de Clarice Lispector – “O que verdadeiramente somos é aquilo que o impossível cria em nós” – para introduzir uma articulação precisa entre produção de conceitos do campo da estética e a clínica psicanalítica. É que o poeta, conforme escreveu Freud em *Gradiva*, adianta e diz melhor o que nós analistas alcançamos dizer sobre a transferência, a duras penas. Uma belíssima introdução no texto de Farias expõe alguns “questionamentos da psicanálise sobre o seu impacto nas subjetividades”, induzindo o

leitor a retirar consequências maiores do caráter transgressivo da experiência analítica e, sobretudo, reencontrar sua tragicidade. Na mesma introdução, as indagações em torno “do encontro da psicanálise com outros saberes com os quais estabelece relações próximas dele se diferenciando” (p. 61) terminam conduzindo o autor a enunciar a proposta de que, na clínica, “a produção da feiura, tanto quanto a da beleza, refere-se essencialmente, à presença do analista como indisponibilidade/disponibilidade para o acompanhamento do percurso de se fazer sujeito” (p. 61) durante uma análise.

Eduardo Leal, em “Para sempre diante de um olhar: sobre os sentidos das modificações corporais”, oferece uma visão panorâmica histórica das modificações corporais, a partir da qual destaca três marcas deixadas pelas diferentes modalidades de ação sobre a compreensão que se pode ter da experiência de ter um corpo. A primeira marca diz respeito ao fato de que a “modificação corporal faz aparecer ou reaparecer algo que, na experiência da corporeidade, seria da ordem do estranho” (p. 69); a segunda é que “o corpo é um território”; e a terceira é que “a modificação corporal se constitui a um só tempo como afirmação de uma existência singular e marca de pertencimento ao grupo” (p. 70). O denominador comum das três marcas, diz o autor, reside no feito de que “modificações do corpo retomam o olhar como um operador fundamental na relação com o outro, um olhar que traz intensidades, que revela estranhamentos ou acolhimento, recusa e reconhecimento” (p. 70). Daí porque são experiências que se dão no limite da vida e da morte.

Aldoux Huxley, em *Admirável mundo novo*, inspirou as reflexões de Eduardo Pontes Brandão sobre a contemporaneidade. Nosso não mais admirável mundo guarda inúmeras semelhanças com o mundo do escritor, o que confirma a tese de Lacan de que é com o artista que o analista aprende. O mundo de Huxley e o nosso comungam do gozo desenfreado do princípio de entretenimento e do vencer a qualquer

custo, mesmo que isso signifique o extermínio do outro. “Sexo e beleza na contemporaneidade” problematiza a concepção de beleza como ideal normativista e demonstra de que modo ao lado da feiura corresponde “na clínica atual a uma corporeidade até então inaudita em que o

corpo se torna palco para os mais diversos pactos estéticos que celebram o prazer, a sedução, a criatividade, o humor, o fascínio, o horror e quiçá a beleza (p. 80).

“Culto ao corpo na contemporaneidade: prazer ou dever?” – título que por si só mergulha o leitor na problemática do supereu freudiano. A autora com especial acuidade para com os fenômenos e manifestações culturais atuais mostra como o lazer, a diversão e o cuidado com o corpo tornaram-se uma obrigação moral. As aparências enganam, confirma Marta Peres: “Muitas vezes, o narcisismo dessas atividades físicas possui caráter persecutório, de reforço disciplinar, ultrapassando um *laisser-aller* hedonista” (p. 84). A autora defende, em base ao pensamento crítico de alguns autores importantes, a ideia de que estilos de vida atuais calcados no imperativo de malhação reprimem os gestos mais livres em nossa sociedade urbana contemporânea. Nesses tempos de penúria intelectual, quando muitos analistas preconizam o fim do recalque freudiano, um texto como o de Peres recupera o vigor da teoria do conflito entre sujeito e cultura.

Pensar os passos da invenção da humanidade implica refletir sobre a perfeição e a imperfeição, o belo, a feiura ou o horror. Estes são, segundo Nízia Villaça, alguns “dos desafios contemporâneos diante dos quais a estratégia mais adequada parece ser o jogo, a abertura, o controle do risco, a composição que integra alteridade e semelhança com o outro e com o mundo”. “Corpos tecnológicos” traz uma reflexão filosófica contundente a respeito da junção homem e máquina. Partindo de uma panorâmica visita ao campo da tecnociência, a autora defende a ideia de que a técnica introduziu mudanças tais

que determinaram uma nova estética identitária dirigida pela mutação. Do ponto de vista da História da Cultura, isso determinou um giro no olhar da filosofia sobre os processos de subjetivação no contemporâneo. Consequentemente, a articulação entre filosofia e ciência pensada e apresentada por Villaça é de grande valia para os psicanalistas que, na trilha de Freud, determinaram-se a escutar o corpo como “uma superfície que reflete as características peculiares da vida moderna” (p. 100). O texto apresenta, também, uma importante discussão filosófica a respeito do campo artístico e a crise da representação da estética do monstruoso.

Os estudos de Gláucia Dunley sobre o pensamento trágico são bastante conhecidos entre nós. Desta vez, em “Uma ficção psicanalítica”, a autora alcança realçar a correlação entre sublime, estética e sublimação através do pensamento trágico freudiano. Para tanto concebe, com ousadia, uma ficção que a obriga reunir três modos de pensamento: o poético, o filosófico e o psicanalítico. Com eles procederá à leitura de “Uma perturbação da memória em Acrópolis”. Situando Freud para além da posição de *Oidipus-Tyrannos*, “possuidor de um saber que lhe permitiu criar a ciência dos sonhos” (p. 105), desenvolve uma ficção perscrutando a sensação de estranheza confessada que tomou conta do criador da ciência dos sonhos em Acrópole. De forma inquietante, na medida em que sua escrita provoca no leitor indagações, Dunley evidencia que nessa ocasião Freud teria sido levado a iniciar um tempo de luto no qual “foi possível a construção de um saber trágico da psicanálise que encontrará na elaboração da pulsão de morte uma de suas maiores expressões” (p. 105). Por mares bastante navegados – as noções psicanalíticas de desamparo e finitude – a autora sobrepõe o que já foi dito sobre esses temas, extraído do texto de 1936 um Freud trágico, amante da arte trágica que precedeu a constituição da filosofia.

Penso que o núcleo organizador das reflexões freudianas sobre a arte e o belo é o problema da expe-

riência estética. Creio que tudo o que Freud chegou a formular sobre arte e beleza se origina em uma preocupação com a experiência psíquico-corporal por elas provocadas, e não em um interesse abstrato pela beleza ou pela arte em si mesma (p. 114).

Nesses termos Inês Loureiro introduz o problema complexo e muitas vezes mal delimitado sobre a conexão estabelecida entre o campo da psicanálise e o da estética. Entretanto ela própria consegue fazer de “Sobre as várias noções de estética em Freud” um guia preciso aos que desejam pesquisar a estética psicanalítica. Do livro sobre os chistes, passando pelo célebre *O sinistro* ao não menos famoso *Mal-estar na cultura*, a autora delinea, com precisão, três noções de estéticas e distingue dois empregos do adjetivo “estético” na obra freudiana. Ao final do texto ressalta, com muita propriedade, que Freud “sempre advertiu de que o gozo da beleza é imprescindível” (p. 121) ao homem, diluindo um pouco a afirmativa corriqueira de alguns analistas de que Freud teria sido um pensador totalmente pessimista.

Leila Cunha da Silveira traz as contribuições lacanianas ao conceito de sublimação e ao fenômeno do belo na experiência analítica. Numa leitura cuidadosa de *A ética da psicanálise*, a autora de “O fenômeno do belo e a sublimação” procura rastrear o modo como Lacan demonstrou “que o domínio do belo está na experiência analítica”, a partir do emprego da noção filosófica do bem. Se o bem se “relaciona ao desejo apenas quanto à sua estrutura de engodo, sustentada pela fantasia”, seria um engano pensar a psicanálise por essa via. Já o belo, “em sua função singular em relação ao desejo, não engana, pois, ao mesmo tempo que abre nossos olhos, acomoda-nos em relação a essa estrutura que está ligada ao desejo, à fantasia” (p. 127). Baseada na teoria laciana, a autora afiança que numa análise a travessia da fantasia que vai de encontro ao surgimento do real não poderia deixar de ser uma abertura “para que o sujeito possa cingir novas formas mais ‘belas’ do [dizer]” (p. 128).

Assim chegamos à última parte do livro, “Literatura e Psicanálise”. Os textos “A mais íntima estranheza”, de Patrícia Saceanu, e “O *Unheimliche* freudiano: interfaces entre psicanálise e literatura”, de Waleska B. Cheibub, referem-se à especificidade da conexão entre as duas disciplinas à luz da noção freudiana de inquietante estranheza. Saceanu rastreia a noção de angústia tendo como pano de fundo o conto “O Horla” de Maupassant e, em seguida, trabalha o conto de Guimarães Rosa “O espelho”, tomando-o como exemplo conclusivo do percurso de uma análise. É digno de nota que a autora, mantendo-se fiel ao dito de Freud de que, diante do artista, o “analista deve depor suas armas”, se abstém de psicobiografar a vida do artista ou mesmo de psicanalisar a obra. Seu interesse recai sobre o parentesco entre a psicanálise e o fazer artístico criador.

Na mesma linha, Cheibub, partindo do texto *O estranho*, examina os argumentos de Freud em relação ao inquietante da psicanálise com o objetivo de fazer visível o modo como as interpretações sobre a alma humana da criação artística permitiram ao mestre de Viena ver, num jogo de espelhos, a própria face da construção psicanalítica. Retomando o tema mais específico de *Beleza e feiura na psicanálise*, a autora aborda o mundo do grotesco romântico de

Hoffmann, autor do conto que inspirou Freud a escrever *Das Unheimliche*, texto no qual revela a dupla face da inquietante estranheza: alegria e angústia.

Por fim, o texto de Viviane Mosé apresenta uma reflexão filosófica sobre o tema da literatura em sua relação com o vazio. Partindo da afirmativa de Michel Foucault de que o fim da certeza e da segurança das categorias da razão, desde o século XIX, produziu o advento da literatura como fenômeno de linguagem, Mosé sonda, no pensamento de Nietzsche e de Blanchot, do que se trata a literatura, isto é, do que se trata aquilo que “faz falar o que não pode parar de falar”. A literatura é “o vazio que circunda cada palavra da obra” (p. 147), o mesmo vazio do branco que permanece na página preenchida pelas letras. A escrita, afirma Freud em *Mal-estar na cultura*, “é o substituto do corpo materno, a primeiríssima vivenda”; repara uma perda, um feito à alma dada a sua imaturidade que a deixa criança. Qual é a relação da escrita psíquica e da escrita da teoria psicanalítica com o fazer literário? Essa é uma das perguntas que o analista se coloca diante do que apreende em “Literatura e vazio”. Para respondê-la deverá se permitir quebrar as certezas do que já sabe, arriscar acolher o outro, enunciar um dizer sobre o dito e, com isso, garantir a transmissão do legado freudiano.